

1

Se estão mesmo interessados nisto, então a primeira coisa que devem querer saber é onde é que nasci, e como foi a porcaria da minha infância, o que faziam os meus pais e isso tudo antes de eu ter nascido, e toda essa treta estilo David Copperfield, mas não estou nada para aí virado, para dizer a verdade. Primeiro, porque é o tipo de coisas que me chateiam, e segundo porque os meus pais eram capazes de ter dois ataques cada um se eu me pusesse a contar alguma coisa de mais pessoal acerca deles. São bastante picuinhas com coisas do género, especialmente o meu pai. São *simpáticos* e isso tudo — não digo que não — mas também são picuinhas como o raio. E depois não lhes vou contar a merda da minha autobiografia toda nem nada que se pareça. Vou-lhes contar só aquela história de loucos que me aconteceu por volta do Natal passado pouco antes de me ter ido completamente abaixo e de ter vindo parar aqui para me pôr em forma. Aliás, foi também só isso que contei ao D.B. e ele é meu *irmão* e tudo. Está em Hollywood. Não fica muito longe deste sítio merdoso e vem cá visitar-me praticamente todos os fins de semana. É ele que me vai levar para casa quando eu for para casa talvez para o mês que vem. Acabou de comprar um *Jaguar*. Um daqueles brinquedinhos ingleses capazes de dar trezentos à hora. Custou-lhe qualquer coisa muito perto das quatro mil brasas. Tem massa que se farta, agora. *Dantes* não. Dantes era um escritor a sério, quando estava em casa. Escreveu aquele livro de contos incrível, *O Peixinho Vermelho Secreto*, para o caso de nunca terem ouvido falar dele. O melhor era “O Peixinho Vermelho Secreto”. Era sobre um miudito que

não deixava ninguém ver o peixinho vermelho dele porque o tinha comprado com o seu próprio dinheiro. Deixou-me sem fala. Agora está em Hollywood, o D.B., a prostituir-se. Se há uma coisa que eu odeio, é o cinema. Nem quero que me falem nisso.

Mas queria começar pelo dia em que deixei Pencey Prep. Pencey Prep é aquele colégio que fica em Agerstown, na Pensilvânia. Se calhar já ouviram falar. Devem ter visto os anúncios, pelo menos. Põem anúncios numas mil revistas no mínimo, sempre com um tipo todo fino a saltar uma sebe a cavalo. Como se em Pencey não se fizesse mais nada senão jogar polo o tempo todo. Não vi uma única vez um cavalo que fosse em sítio nenhum *perto* dali. E por baixo da tal gravura do tipo a cavalo vem sempre uma legenda: “Desde 1888 a moldar jovens brilhantes e de espírito aberto.” Uma treta chapada. Não vejo por que raio em Pencey se há de *moldar* mais do que em qualquer outro colégio. E não conheci lá ninguém que fosse brilhante e de espírito aberto e tudo isso. Talvez dois tipos. Se tanto. E se calhar já eram assim quando *chegaram* a Pencey.

Mas enfim, era o sábado do jogo de futebol contra Saxon Hall. O jogo contra Saxon Hall era considerado uma coisa da máxima importância lá em Pencey. Era o último jogo do ano, e dava a ideia que tínhamos de nos suicidar ou coisa assim se o nosso amado Pencey não ganhasse. Lembro-me que por volta das três da tarde eu estava lá mesmo no cimo de Thomsen Hill, ao lado daquele canhão ridículo que tinha feito a Guerra da Independência e tudo. Via-se dali o campo todo, e viam-se as duas equipas engalfinhadas uma na outra numa grande confusão. Não se tinha uma vista lá muito boa das bancadas, mas podiam ouvir-se os berros, roucos e tremendos do lado de Pencey, pois praticamente estava lá o colégio inteiro exceto eu, e fracos e frouxos do lado de Saxon Hall, porque a equipa visitante raramente arrastava muita gente.

Nunca havia muitas miúdas nos jogos de futebol. Só os finalistas estavam autorizados a entrar com miúdas. Era um colégio tramado, sob todos os pontos de vista. Gosto de estar num sítio onde se vejam pelo menos de vez em quando algumas miúdas, mesmo que não façam mais do que ficarem a coçar os braços ou a assoar-se ou até só aos risinhos ou coisa assim. A amiga Selma Thurmer — era a filha do diretor — aparecia muitas vezes nos jogos, mas não era

exatamente do género de nos deixar loucos de desejo. Mas até era uma miúda bastante simpática. Uma vez fiquei sentado ao lado dela no autocarro de Agerstown e calhou metermos conversa. Gostava dela. Tinha um nariz grande e as unhas pareciam todas roídas até fazer sangue e usava o raio daqueles sutiãs enchumaçados a apontar para todos os lados, mas ficava-se de certo modo com pena dela. O que eu gostava nela é que não se punha a impingir-nos nenhuma chachadas sobre o tipo importante que o pai era. Às tantas sabia o paspalho peneirento que ele era.

A razão de eu estar ali em cima em Thomsen Hill, em vez de estar lá em baixo a ver o jogo, era porque tinha acabado de voltar de Nova Iorque com a equipa de esgrima. Eu era o raio do encarregado do material da equipa de esgrima. Coisa de grande peso. Tínhamos ido para Nova Iorque nessa manhã para um encontro contra o colégio McBurney. Só que não houve encontro nenhum. Eu tinha deixado os floretes e o equipamento e toda a tralha no raio do metro. Não foi só por minha culpa. Tinha de estar sempre a levantar-me para olhar para o mapa, a ver onde tínhamos de sair. Por isso voltámos para Pencey por volta das duas e meia em vez de chegarmos à hora do jantar. Toda a equipa me votou ao ostracismo durante todo o caminho de volta no comboio. Teve bastante piada, de certo modo.

A outra razão para não estar lá em baixo no jogo era porque ia a caminho de ir dizer adeus ao velho Spencer, o meu professor de História. Ele estava com gripe, e eu pensei que se calhar já não o via antes de começarem as férias do Natal. Tinha-me mandado um bilhete a dizer que me queria ver antes de eu ir para casa. Sabia que eu não voltava para Pencey.

Esqueci-me de lhes falar nisso. Puseram-me a andar. Já não voltava depois das férias do Natal, por ter chumbado a quatro disciplinas e por não me aplicar e isso tudo. Fizeram-me várias advertências para que me aplicasse — principalmente a meio dos trimestres, quando os meus pais vinham a uma reunião com o velho Thurmer — mas eu não liguei. Por isso puseram-me a andar. Acontece muitas vezes em Pencey porem a andar um tipo ou outro. Tem uma cotação académica muito boa, o Pencey. Tem mesmo.

Mas enfim, estávamos em dezembro e tal, e estava um frio de rachar, principalmente no cimo daquela estúpida colina. Tinha só o re-

versível vestido, sem luvas nem nada. Na semana anterior, alguém me tinha roubado o casaco de pele de camelo mesmo do meu quarto, com as luvas forradas no bolso e tudo. Pencey estava cheio de gatunos. Havia uma data de gajos que vinham de famílias cheias de massa, mas mesmo assim estava cheio de gatunos. Quanto mais caro é um colégio, mais gatunos tem — não estou a brincar. Mas enfim, continuei ao lado daquele canhão ridículo a ver o jogo lá em baixo e a ficar com o cu gelado. Só que não estava bem a ver o jogo. O que eu realmente andava a fazer por ali era a ver se sentia algum género de despedida. Quer dizer, há escolas e sítios que deixei e nem sequer percebi que estava a deixá-los. É uma coisa que eu odeio. Não me importo que seja uma despedida triste ou uma má despedida, mas quando deixo um lugar gosto de *saber* que o deixo. Senão, ainda nos sentimos pior.

Tive sorte. De um momento para o outro pensei numa coisa que me ajudou a perceber que era mesmo o raio de uma despedida. De repente lembrei-me daquela vez, mais ou menos em outubro, em que eu, o Robert Tichener e o Paul Campbell estávamos a dar uns toques na bola, em frente do edifício da escola. São uns tipos bacanos, principalmente o Tichener. Era pouco antes do jantar e estava a ficar bastante escuro, mas nós continuávamos na mesma a chutar a bola. Cada vez estava mais escuro, e a bem dizer já quase não conseguíamos *ver* a bola, mas não queríamos parar com aquilo. Mas depois tivemos de parar. O professor Zambesi, que dava biologia, pôs a cabeça fora de uma janela da escola e disse-nos para voltarmos para o dormitório e para nos prepararmos para o jantar. Se conseguir lembrar-me deste género de tretas, consigo chegar a sentir uma despedida sempre que precisar — pelo menos a maior parte das vezes consigo. Assim que o senti, dei meia-volta e desatei a correr pela outra encosta abaixo, em direção à casa do velho Spencer. Não morava no *campus*. Morava na Avenida Anthony Wayne.

Corri o caminho todo até ao portão principal e depois esperei um segundo até recuperar o fôlego. Não tenho fôlego nenhum, para dizer a verdade. Fumo de mais, para começar — isto é, fumava. Obrigaram-me a largar. E outra coisa é que só no ano passado *cresci* dezasseis centímetros. Foi também por isso que praticamente apanhei uma tuberculose e vim para aqui para fazer a porcaria destes exames médicos e assim. Se bem que tenha uma boa saúde.

Mas enfim, logo que recuperei o fôlego atravessei a correr a 204. Estava um gelo do caraças e estive quase a malhar. Nem sequer sei porque é que estava a correr — acho que era só porque me deu para aí. Depois de ter atravessado a rua, senti-me como que a desaparecer. Era uma daquelas tardes lixadas, bestialmente frias, sem sol nem nada, e ficamos para morrer sempre que atravessamos uma estrada.

Eh pá, atirei-me logo à campainha mal cheguei à casa do velho Spencer. Estava mesmo gelado. As orelhas doíam-me e mal podia mexer os dedos.

— Vá, vá — disse eu em voz alta, quase —, abram lá essa *porta*. — Finalmente a Sra. Spencer abriu. Não têm criada nem nada, e são sempre eles a abrir a porta. Não têm lá muita massa.

— Holden! — disse a Sra. Spencer. — Bons olhos te vejam! Entra, querido! Estás completamente gelado, não? — Acho que estava contente por me ver. Gostava de mim. Pelo menos acho que sim.

Caraças, a rapidez com que entrei naquela casa.

— Como está, Sra. Spencer? — disse eu. — Como está o professor Spencer?

— Dá cá o casaco, querido — disse ela. Não me ouviu perguntar como estava o marido. Era um tanto surda.

Pendurou o meu casaco no armário da entrada e eu alisei o cabelo para trás com a mão. Trago o cabelo quase sempre cortado à escovinha e nunca preciso de grandes penteadelas.

— Como tem passado, Sra. Spencer? — disse eu outra vez, mas mais alto, para ela poder ouvir.

— Eu bem, Holden — fechou a porta do armário. — E *tu* como tens passado? — Pela maneira como ela perguntou, percebi logo que o velho Spencer lhe tinha contado que eu tinha sido expulso.

— Ótimo — disse eu. — Como está o professor Spencer? Já lhe passou a gripe?

— Passar! Holden, ele tem-se portado como um perfeito... nem sei *o quê*... Está no quarto dele, querido. Podes entrar.